

FUTEBOL, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES – CASO DO FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

Renato Lanna Fernandez*

Resumo: Tendo como pressupostos teóricos os trabalhos de Benedict Anderson sobre as comunidades imaginárias e de Hobsbawm sobre a invenção das tradições, busco levantar explicações, sobre a formação da identidade do Fluminense F. C. como clube que tem como marca principal a distinção e a fidalguia.. Enquanto comunidade imaginária, o clube seria representante de uma série de valores simbólicos e tradições construídas historicamente por escritores, intelectuais e jornalistas.

Palavras chave: Futebol, Identidade, Representações

Abstract: Having the Benedict Anderson's works about the imaginary communities as teorical principles and the Hobsbawm's invention about the traditions, I expect to raise the explanations of the Fluminense F.C. formation of identity as a club that haves as principal mark yours distinction and nobility. While imaginary community, this club would be a representative of a series of symbolical values and historical traditions built by writers, intellectual and journalists.

Key words: Soccer, Identity, Representations

Quando o jovem Oscar Alfredo Cox, de apenas 22 anos, desembarcou no Rio de Janeiro em 1901, vindo de uma temporada de estudos no Colégio *La Ville, Lausanne* na Suíça, trazia além de conhecimentos escolares, um gosto profundo pelo futebol, esporte bastante difundido na Inglaterra, mas que no Rio de Janeiro ainda era pouco conhecido. Na verdade, sua prática era mais comum em São Paulo, onde fora introduzido por Charles Miller alguns anos antes.¹ Nessa praça, o esporte estava bem mais organizado e já era preparado o primeiro campeonato da cidade.

Na verdade, a cidade do Rio de Janeiro, encontrada por Oscar Cox, afirmava-se como capital da recente república, proclamada apenas há 12 anos, e sofria uma série de problemas advindo do processo de urbanização. Nesse período, os esportes mais praticados na cidade eram o remo e o turfe.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas e professor de História do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ.

¹ Para saber mais sobre a introdução do futebol em São Paulo, cf. HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!*; *Futebol: A maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

O jovem Cox tornou-se o introdutor do futebol na capital e acabou por ajudar na origem de um dos mais tradicionais e importantes clubes do Brasil. Fundado em 21 de julho de 1902, o Fluminense *Football Clu* foi construído nos moldes europeus, tendo como marcas principais a distinção e a fidalguia. Era um espaço de convivência, onde as elites da cidade praticavam esportes, realizavam exercícios físicos e mantinham boas relações sociais: “Um clube fino e requintado no qual as melhores famílias da cidade podiam se confraternizar, desfrutando de uma belíssima sede com salões decorados com imensos vitrais franceses, e assistindo ou praticando um esporte saudável e civilizado vindo da Inglaterra”. (MATTOS, 1997:50)

Mesmo nos dias de hoje, em que o futebol se torna cada vez mais globalizado e comercial, essa marca fidalga, elitista, europeizada e olímpica do Fluminense não foi, ao menos no campo simbólico, desconstruída.

O objetivo desse estudo é levantar possíveis explicações, a partir de um determinado arcabouço teórico, sobre a formação dessa identidade tricolor. Como ela foi construída? Qual a relação dela com o desenvolvimento do futebol e de outros esportes na cidade do Rio de Janeiro e no país? De que forma essa identidade clubística relaciona-se com a nacional que o futebol ajuda a construir? São essas as questões levantadas até o presente momento e que pretendemos elucidar.

Extremamente influenciados pelas últimas novidades trazidas do velho mundo, principalmente da França e da Inglaterra, as elites republicanas do início do século XX incorporaram um ideário positivista, cuja mentalidade preconizava a importância do adestramento, da disciplina e do culto ao corpo, influenciando uma mudança de hábitos e condutas da sociedade que, tentando livrar-se do modelo patriarcal do período imperial, adotou padrões europeus em voga na época. Essa adaptação da ordem republicana ao capitalismo se deu de forma autoritária e violenta através da negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular essa imagem civilizatória.. (SEVCENKO, 1983:26)

As transformações tecnológicas e científicas desse período tiveram efeitos profundos no Brasil. A industrialização e a urbanização modificaram o ritmo de vida das cidades e a sua própria arquitetura. Essas mudanças foram percebidas também no surgimento de um ideal de civilização que se buscava construir nos trópicos nesse momento. Devido a sua origem na matriz européia, o futebol ganhou destaque nessa lógica “recivilizatória”:

A importação do futebol representava a adoção de mais um artigo de luxo, com sua linguagem inglesa e seu vestuário britânico desconhecido, admirado no Rio de Janeiro e em São Paulo, o futebol amador dos anos 1920 proporcionava um certo ócio aristocrático de fruição do tempo e do lazer, tanto para os espectadores quanto para os seus praticantes. Para a burguesia carioca e paulistana, a prática esportiva trazia de forma subjacente os valores positivos da competição, da iniciativa, da igualdade de direitos e do aperfeiçoamento individual. (HOLLANDA, 2004:53)

As práticas esportivas no interior desses clubes somavam-se aos saraus, festas, peças de teatro, além de estimular o lazer dentro de um projeto educacional da modernidade européia. O adestramento do corpo através da ginástica complementava a preparação cívico moral do indivíduo. Dessa forma, a função dos clubes se aproximava do que era realizado nas escolas privadas da Europa ou nos colégios religiosos no Brasil.

As primeiras formas de associação clubísticas ocorreram durante a segunda metade do século XIX e início do XX, composta por imigrantes que fundaram vários clubes, como o Germânia e o Palestra Itália em São Paulo e outros de origem italiana, no sul do País. No Rio de Janeiro, os principais clubes de colônias foram o Vasco da Gama, a Portuguesa de Desportos e o Lusitânia, todos de origem portuguesa.

Seguindo o mesmo caminho, as elites cariocas, geralmente de origem inglesa, enriquecidas com os negócios do café, inauguraram clubes voltados para a prática do Cricket, como o Paissandu e o Rio Cricket, este localizado em Niterói. Havia também, clubes dedicados ao turfe, como o Jockey Club e o Derby Club.² O Fluminense, fundado em 1902, seguiu o mesmo modelo, só que, inicialmente, voltado apenas para o futebol.

Para Bernardo Buarque de Hollanda, os clubes eram espaços de sociabilidade e, indo além, seriam uma forma do imigrante europeu tentar não romper o elo, ainda que no plano simbólico, com o seu país, mantendo vivo um sentimento de pertencimento, de identidade com sua cultura natal. “Os clubes traziam junto de si todo um conjunto de influências seja na indumentária, na linguagem ou no estilo de vida, que atestavam sua filiação cultural ao continente europeu”. (HOLLANDA, 2004:196) Mesmo aqueles que não eram estrangeiros, ao se filiarem a esses clubes acabavam por assumir esse *ethos*³ como forma de distinção perante o resto da população.

Os clubes seriam, portanto, unidades autônomas que reencarnariam as configurações simbólicas ligadas às nações de origem. (HOLLANDA, 2004:197) Verdadeiras comunidades imaginadas que, no campo simbólico, transformavam os clubes em uma extensão da nação.

² Para o desenvolvimento do turfe e do remo no Rio de Janeiro durante o século XIX ver : MELO, Victor Andrade de Melo. “O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX”. In: *Estudos históricos – Esporte e lazer Vol. 23*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1999.

³ Destacamos que nossa utilização do termo *ethos* é em seu sentido de personalidade.

Benedict Anderson define nação como uma comunidade política imaginada, porque seus membros mesmo sem se conhecerem possuem em mente a imagem viva da comunhão entre eles, pois a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham coisas em comum.(ANDERSON, 2008:32) Nesse sentido, a nação imaginada é fruto de produtos culturais construídos ao longo do tempo, baseado em uma soberania limitada e uma fraternidade entre os seus membros.

O autor oferece algumas idéias para o entendimento do nacionalismo a partir de suas origens históricas. O nacionalismo ou a condição nacional são produtos culturais específicos de um período histórico em que o Iluminismo e a Revolução industrial superam a legitimidade dos reinos dinásticos baseados em uma ordem divina. Tendo como característica a busca pela liberdade; a nação e o estado passam a ser compreendidos como soberanos.

O nacionalismo é uma forma de referencial cultural da sociedade. Atuando no campo simbólico, ajuda a construir o significado de nação. A nação é imaginada e limitada uma vez que possui fronteiras finitas para além das quais existem outras nações, logo nenhuma nação tem a extensão da humanidade. (ANDERSON, 2008;33) Ao se definir como limitada por fronteiras, o sentimento de pertencimento a uma nação se desenvolve em oposição ao outro. Ela é imaginada como comunidade, pois, independente da desigualdade que possa existir, nela seria concebida uma profunda fraternidade que leva as pessoas a matarem ou morrerem por ela.

Dentro dessa lógica, ao se constituírem simbolicamente como extensão da nação, os clubes passam a se ver como comunidades fraternas, com valores próprios dessa fraternidade. Essa identificação dos membros dessa comunidade imaginada se traduz na construção de uma série de símbolos e rituais que repetidos durante um longo tempo acabam por se transformar em tradições.

Ao analisar as tradições, Hobsbawm e Ranger afirmam que elas são inventadas. Essa invenção inclui as construções formalmente institucionalizadas em um período de tempo determinado, sendo um conjunto de práticas regulares aceitas por uma sociedade. Estas, por sua vez, são de natureza ritual ou simbólica e visam inculcar certos valores e normas de comportamento executados de maneira repetitiva, estabelecendo uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN & RANGER, 1997:9) Essa criação seria um processo de formalização e ritualização com forte ligação com o passado.

As tradições são criadas no momento em que ocorrem transformações amplas e rápidas que destroem outras, levando à necessidade de se construírem novas tradições para legitimarem e darem identidade ao novo. A formação dos estados nacionais nos últimos

duzentos anos é uma comprovação dessa hipótese. Ao surgirem novos símbolos e imagens oficiais como o Hino nacional ou a bandeira, visava-se a uma personificação da nação. (HOBSBAWN & RANGER, 1997:14-15) “As tradições são criações de um determinado grupo social com vistas a uma imagem específica que se quer de um passado construído, reificado”. (HOBSBAWN & RANGER, 1997:81)

Influenciados pelos modelos inglês e francês, a república proclamada no Brasil em 1889, buscou elaborar um novo contexto político e social, exigindo a invenção de novas tradições que expressassem identidade e coesão social e que estruturassem novas relações sociais e políticas. O regime republicano criou uma série de rituais e símbolos como bandeiras, hinos, novos feriados, heróis e cerimônias cívicas que se apresentassem em oposição às tradições vindas do Império.

Esse processo visava à coesão social, a legitimação de instituições e a socialização de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento, entretanto elas não eliminam as distinções entre as classes sociais, ao contrário, servem para gerar novas formas de distinção entre os grupos.

Hobsbawm e Ranger ao analisarem a invenção das tradições na Inglaterra observam que a criação de escolas particulares, das associações clubísticas e a prática de determinados esportes entre outros, representam tentativas de traçar linhas de classe que as separassem das massas.

O desenvolvimento de escolas particulares, como as que muitos jovens das elites brasileiras freqüentavam na Inglaterra ou em outra parte da Europa, demonstravam que a educação era cada vez mais um instrumento de estratificação social e modelação de caráter. Além disso, tinha a missão de estabelecer padrões comuns de comportamento e valores, essas escolas forneciam um critério amplo de ingresso nas classes médias e altas servindo como meio de comparação entre indivíduos e famílias, além de permitir um conjunto de redes de sociabilidade e formação de elites dirigentes. (HOBSBAWN & RANGER, 1997:301-304) As práticas desportivas eram fundamentais nesse processo, estimulando antagonismos entre as escolas e o fortalecimento de laços de companheirismo e identificação entre os membros de cada comunidade escolar.

Entre 1870 e 1880, o futebol adquire todas as características institucionais e rituais que conhecemos até hoje. Surgido com bases proletárias, esse esporte foi incorporado pelos grupos sociais mais abastados servindo como modelador do caráter das classes médias das escolas particulares na Inglaterra. (HOBSBAWN & RANGER, 1997:296)

No Brasil, o futebol foi durante muito tempo monopólio das elites, desenvolvido em princípio como esporte amador, combinava dois elementos da invenção das tradições: o político e o social. De um lado, representava uma tentativa consciente de formar uma elite dominante baseada no modelo britânico modernizador em contraposição ao modelo escravocrata anterior. Por outro lado, buscava traçar uma barreira social que a isolasse dos setores populares, principalmente na defesa do amadorismo que se associava neste momento a um critério de esporte de classe média e alta.

Durante esse período, os clubes de futebol ou de regatas vão estabelecer uma série de regras que determinavam quem poderiam ou não fazer parte deles. O comportamento adotado pelo associado deveria representar a mesma visão que a agremiação tinha de si e que ela queria que fosse transportada para fora de seus muros. Para isso uma série de rituais e símbolos foram criados pelos clubes (hinos, bandeiras, uniformes, formas de comemoração) para distingui-los dos outros clubes adversários e da própria sociedade.

A febre futebolística que a cidade do Rio de Janeiro passou, no início do século XX, permitiu que alguns intelectuais enxergassem na prática do futebol elementos civilizatórios perfeitos para a afirmação do caráter nacional. Um dos mais importantes desses representantes foi Coelho Neto.⁴ Amante de vários esportes, acreditava que estes eram fundamentais para o desenvolvimento do cidadão e na afirmação nacional, não só nos aspectos físicos, mas no revigoramento moral, contribuindo para a formação de um indivíduo virtuoso e de boa índole. O futebol, em especial, era um esporte moderno, promotor de um tipo de civilização e adaptado aos modelos idealizados pela Europa, capaz de levar ao aperfeiçoamento físico e cívico do indivíduo, equiparando o Brasil aos países do velho continente. (CANDIDO, 1998)

Segundo tal lógica, as práticas esportivas, dentre elas o futebol, eram capazes de inculcar valores pedagógicos, disciplinares e morais, indo além de um corpo atlético ou de uma atividade de lazer.

O supracitado Coelho Neto se envolverá pessoalmente com as práticas desportivas. Em 1920, funda a revista *A Atlética*. Além disso, torna-se sócio e torcedor do Fluminense, participando ativamente junto com seus filhos, da vida esportiva e social do clube. Nos cargos que ocupou no Fluminense, ajudou na construção de uma piscina, de um teatro, do ringue de patinação, do estádio e coube a ele ainda, a composição de seu primeiro hino em 1915.

⁴ Coelho Neto foi escritor, político, professor e boêmio. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, participando do movimento abolicionista, sendo eleito duas vezes Deputado Federal. Cultivando vários gêneros literários. Foi autor de numerosos livros, artigos, crônicas e folhetos, editando e escrevendo em revistas e jornais, acabou sendo por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil.

A presença de Coelho Neto no clube pode ser considerada marcante ao percebermos que a identidade do Fluminense se confunde com as idéias pregadas pelo literato que se torna simbolicamente parte da tradição tricolor, na medida em que a história do escritor e de sua família se confunde com a história do Fluminense.

Dessa forma, o Fluminense fortalece a imagem de um clube de características européias, branco e fidalgo, representante de um espírito amador do futebol, marcado pela distinção, disciplina e organização de seus atletas, associados e, por que não dizer, de seus torcedores.

Nas décadas seguintes, com a profissionalização e o aumento da participação de negros nos clubes de futebol, a imagem elitista do clube será ainda mais ressaltada por escritores como Mário Filho.⁵

O jornalista Mario Filho, autor de *O negro no futebol brasileiro* (1947), escreve a história do futebol de seu tempo. junta suas memórias pessoais a uma pesquisa baseada em fontes orais (entrevistas com antigos jogadores), instigando interpretações de uma brasilidade representada em um legado étnico no universo do futebol.

Mario Filho tem sido criticado por muitos pesquisadores por produzir uma visão literária, romanceada do futebol brasileiro, acabando por construir uma narrativa, que associa o futebol a uma identidade negra que buscava sua afirmação em uma sociedade que até bem pouco tempo saíra da escravidão. A visão de Mario Filho ressalta a crença na mestiçagem, na integração racial como forma de construção de uma identidade nacional que superasse o passado escravocrata.

Podemos qualificar a obra de Mario Filho como um marco nos estudos sobre o futebol brasileiro. Polêmicas à parte sobre o caráter fictício ou não de seus textos, ele é responsável pela construção de um tipo de tradição que permanece até os dias atuais. Mais que isso, ele é responsável pela imagem que os clubes do Rio de Janeiro possuem de si mesmo, reforçando tradições muitas vezes mitológicas.

Ao escrever sobre o Fluminense, Mario Filho fortalece a visão de um clube aristocrático, formado por boas famílias da zona sul carioca. Esse estereótipo prevalece mesmo após a adesão ao profissionalismo, onde o clube, mesmo defendendo a

⁵ Mario Rodrigues Filho, Iniciou a carreira jornalística ao lado do pai, Mário Rodrigues então proprietário do jornal *A Manhã*, em 1926, como repórter esportivo, um ramo do jornalismo ainda inexplorado. Entusiasta do futebol, Mário Filho dedica páginas inteiras à cobertura das partidas dos times cariocas. Em *A Crítica*, segundo jornal de propriedade de seu pai, Mário revolucionou o modo como a imprensa mostrava os jogadores e descrevia as partidas, adotando uma abordagem mais direta inspirada no linguajar dos torcedores e livre de rebuscamentos.

profissionalização, cria estratégias de clivagens sociais, separando o atleta assalariado do associado.

O preto jogava, ajudava o Fluminense a vencer, acabado o jogo mudava de roupa, ia embora. Não havia perigo do preto freqüentar a sede, aparecer numa soirée, num baile de gala do Fluminense. O jogador profissional, branco, mulato ou preto, era um empregado do clube. O clube pagava, toma lá, dá cá. O jogador ficava no seu lugar, mais no seu lugar do que nunca (FILHO, 2003: 49).

A ênfase no passado amador do Fluminense é uma forma utilizada por Mário Filho para construção de uma outra tradição, a do Flamengo como um time popular. Sua estratégia é contrapor o Flamengo popular ao Fluminense aristocrático. Segundo o autor, As vitórias do Fluminense eram comemoradas em bailes e jantares em restaurantes chiques, enquanto as do Flamengo transformavam-se em um verdadeiro carnaval, como podemos refletir a partir dessas duas citações.

Muita gente ficou Flamengo por causa disso, entendendo mais o Flamengo na rua, fazendo o seu carnaval, do que o Fluminense trancado no palácio de Álvaro Chaves. O baile lá em cima, no segundo andar, o povo nem podia ter um gostinho de sereno. (FILHO, 2003: 210)

A segunda foi extraída de outra obra do mesmo autor, intitulada *História do flamengo*:

Quando acabou o jogo foi mesmo 3 x 2. Ai começou o carnaval. Toda a cidade soube, sem rádio nem nada, na mesma hora, que o Flamengo tinha vencido. E como era o Flamengo, esperou-se pelo carnaval rubro-negro. (FILHO, 1966:18)

Quando os dois se encontravam a rivalidade aparecia de maneira mais clara, uma rivalidade com fortes conotações raciais.

O sócio do Fluminense enchia o seu balão, pegava seu saco de confete, o seu pacote de serpentina, ficava esperando os sinais. Um sinal para jogar confete outro para jogar serpentina, outro para levantar o balão à altura da cabeça. O torcedor do Flamengo, da geral, da arquibancada, enfiava dois dedos na boca, fiau. Ou então gritando 'Pó de arroz' A vaia o torcedor do Fluminense agüentava. Para isso tinha o seu clássico 'uh! uh!' Não agüentava era o 'Pó de arroz'. Um grito de 'Pó de arroz' partia de lá, um grito de 'Pó de carvão' partia de cá. O torcedor do Fluminense querendo dizer que preferia ser 'Pó de arroz' a ser 'Pó de carvão'. Podia preferir, mas se ofendia com aquele 'Pó de arroz'. (FILHO, 2003: 210)

Duas tradições são construídas em oposição: a do clube popular e a do clube elitista, o Pó de arroz e o Pó de carvão. E já que o Flamengo nasce do Fluminense⁶ são duas metades de

⁶ Após o campeonato de 1911 nove jogadores do campeão Fluminense abandonam o clube e vão fundar o departamento de futebol do Flamengo, que já existia desde 1895 apenas com a prática do remo.

um mesmo rosto, parentes que se desgarram para construir identidades distintas, mas que estão umbilicalmente ligadas, assim como o povo e suas elites, reafirmando o ideal de coesão social fundamental para a nação imaginada por Gilberto Freyre. E não por acaso o próprio Mário Filho cunha a expressão Fla – Flu, em 1941. Nesse contexto os clubes não são mais apenas um espaço de lazer e sociabilidade, mas o que representam simbolicamente, ou seja, os clubes são representações sociais.

Para melhor entendermos os clubes como representações sociais nos reportaremos ao estudo de Clifford Geertz ao analisar as brigas de galo em Bali. O autor observa os significados simbólicos que elas representam, afirmando que “Grande parte de Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali na verdade, são os homens que se defrontam”. (GERTZ, 1989: 283)

A cultura consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidos. Logo, para entendê-la deve-se conhecer e compreender os padrões utilizados para esses significados, fazendo com que se tornem inteligíveis dentro de seu universo. Nessa lógica, o que torna a briga de galos um jogo envolvente são as representações simbólicas dos campos de tensão estabelecidos no contexto da vida cotidiana de Bali.

Os galos podem ser substituídos por homens, pelos seus sistemas de castas ou simplesmente como formas de afirmação de prestígio. (GERTZ, 1989:303) Assim, como as brigas de galo em Bali, o futebol e seus clubes possuem fortes representações simbólicas em outras localidades, contudo é preciso interpretar de maneira densa os seus significados.

Cada clube possui uma representação simbólica única. O Fluminense, objeto de nosso estudo representaria o ideal da origem nobre – seria o clube branco europeu e culto. O Flamengo, a pobreza turbulenta e populista. O Vasco, clube de origem portuguesa, defensor da miscigenação e da tolerância racial.. Finalmente o supersticioso Botafogo representaria uma certa elite intelectual formadora de opinião. (MATTOS,1997)

Os clubes de futebol, enquanto comunidades imaginárias, seriam, para concluir, representantes de uma série de valores simbólicos construídos historicamente por intelectuais, jornalistas, escritores entre outros. Representariam um estilo de jogar futebol tipicamente brasileiro, uma tradição inventada de uma determinada identidade sobre o jeito brasileiro de jogar futebol. A cada clube será atribuída uma imagem dentro dessa tradição. Coube ao Fluminense o papel de representar um clube baseado em uma identidade fidalga, elitista, branca e européia.

BIBLIOGRAFIA;

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1990.
- CANDIDO, Daniela Mateus D. *O Último dos Helenos: O literato Coelho Neto e o projeto de construção da identidade brasileira no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Dissertação de mestrado. UFRJ, 1998.
- ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1991.
- FILHO, Mario Rodrigues. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- _____. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Record, 1966.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!; Futebol: A maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- HOBBSAWN, Eric J. e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- HOLLANDA, Bernardo B Buarque de. *O descobrimento do Futebol*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- MATTOS, Cláudia. *Cem anos de Paixão; Uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MELO, Victor Andrade de Melo. “O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX”. In: *Estudos históricos – Esporte e lazer*, v.23, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footbalmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983..